Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 293

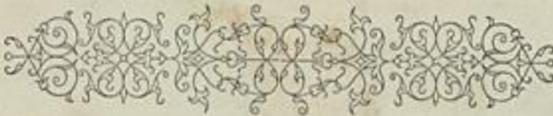
11 DE FEVEREIRO 1887

REDACÇAO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇAO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

D. NETTO

Helena Theodorini (Segundo uma photographia de Debas)

CHRONICA OCCIDENTAL

Disse, não sei quem, que os proverbios fallam verdade e teem feito caminho por este orbe terraqueo desde que o mundo é mundo, pela simples razão da sabedoria das nações ser uma especie de botica, onde ha de tudo, maximas para todos os casos da vida, axiomas para todas as circumstancias, ao contento de todos os paladares.

E effectivamente é assim; os proverbios andam sempre em patrulhas de dois, e um é exactamente o contrario do outro. Por exemplo, ao acaso:

«Não é o mel para a bocca do asno.»

E logo ao lado:

«Dá Deus nozes a quem não tem dentes.»

«Faze tu por ti, que Deus te ajudará.»

E em opposição, immediatamente:

«Não é por muito madrugar que amanhece mais cedo.»

E sempre assim; o caso é saber o livro dos proverbios, ser formado n'essa sabedoria das nações.

Ha um proverbio que diz:

«Uma desgraça nunca vem sósinha.»

Por força ha de haver outro que diga o mesmo das boas noticias, dos acontecimentos felizes, mas eu é que o não conheço.

E ambos elles são verdadeiros, porque, no fim de contas, n'este mundo ha uma coisa mysteriosa, inexplicavel, indiscutivel, mas que é fatal, que existe, que rege o Acaso, e que se pode chamar, por exemplo, a lei das series.

Os jogadores de roleta, aquelles que todos os dias estão a tratar intimamente com o Azar, conhecem perfeitamente essas leis. Noventa vezes entre cem o acaso faz repetir as mesmas duzias, as mesmas *chances*, e o salteado na roleta é quasi sempre uma excepção.

Porque é isto? Como se explica? Não sei, e ninguem sabe; o que sei é que é assim na roleta e na vida.

Sae um numero pequeno, e sae logo a seguir uma serie de numeros pequenos; sae um numero preto, e logo atraz uma serie de numeros pretos.

Na vida, a mesma coisa: recebemos uma boa noticia, e logo a seguir um punhado de boas noticias; vem um acontecimento mau, e os acontecimentos maus repetem-se quasi invariavelmente, e d'ahi — *uma desgraça nunca vem sósinha*.

Esta lei mysteriosa do acaso é tão infallivel, que se manifesta em tudo, nas coisas mais pequenas e nas coisas mais importantes.

Por exemplo, nos incendios; consultem-se as estatisticas.

Passam-se semanas e mezes em Lisboa sem haver um incendio importante: ha um, e d'alli a dias ha logo outro e outro.

Porquê? Que razão, que causa, pode explicar estas repetições? Nenhuma, mas é assim.

Vem d'ahi, e d'isso assim ser desde que o mundo é mundo, essa phrase velha e relha, mas profundamente verdadeira — *estar em maré de felicidade*.

Pois a arte portugueza está agora n'essa maré. Com tres dias de intervallo, deram-se nos theatros de Lisboa dois factos artisticos de alta importancia: a representação dos *Dorias* e a representação do *Hamlet*, uma opera portugueza de notavel valor e uma creação dramatica d'exame, e, como estamos na serie propicia á arte, os jornaes annunciaram já todos que um outro maestro portuguez, o sr. Alfredo Keil, concluira uma grande opera de merecimento distincto, *D. Branca*, e noites depois de um actor nacional ter apresentado no palco de D. Maria II a creação magistral de *Hamlet*, um outro actor nosso apresentava n'um theatro muito mais modesto uma outra creação artistica de primeira ordem, que pode figurar com honra na historia da arte de representar d'uma nação culta — a creação d'esse singular e complexo personagem conhecido na historia de França pelo nome de Luiz XI.

O theatro onde esse importante trabalho artistico se apresentou foi o theatro dos Recreios, um theatro onde até agora nunca se tinha feito arte a serio, um theatro popular e que explorava mercantilmente o nosso mercado theatral com peças insignificantes, *machines à sensation*, revistas descabelladas, acepipes brutalmente condimentados para estimular o paladar grosseiro da grande massa do publico.

Por um feliz acaso para todos que se importam com coisas da arte e que se interessam pelos progressos theatraes da nossa terra, o theatro dos Recreios, soffreu esta epoca uma profunda transformação.

A companhia organisou se com elementos novos, deslocados d'outras partes, e assim, aquelle theatro entrou este anno n'uma nova phase de vida, muito mais artistica, e, felizmente para os emprezarios, não menos lucrativa do que até agora.

Augmentada a companhia com tres artistas notaveis, Lucinda do Carmo, o talento mais brilhante que n'estes ultimos annos tem surgido em palcos portuguezes, Joaquim d'Almeida, um grande artista cuja reputação consideravel está de ha muito solidamente estabelecida, e Augusto Xavier de Mello um dos actores mais intelligentes e mais illustrados do nosso theatro, que não é só um actor distinctissimo, como tambem um escriptor de merito, um espirito finissimo orientado perfeitamente no estudo da arte moderna, e que levou para o theatro dos Recreios, não só o poderoso auxilio do seu merito de actor, como tombem o aprimorado gosto e a escrupulosa consciencia de ensaiador, o theatro que tem á sua frente Salvador Marques, um auctor dramatico illustre, e que tinha na sua companhia artistas muito apreciaveis como Guilhermina de Macedo, Sergio d'Almeida, e Pinheiro, e uns artistas que principiam agora mas de quem ha a esperar evidentemente como Carlos Rocha e Valle, o theatro dos Recreios disiamos nós, encetou um novo caminho e lançou-se ousadamente em emprezas artisticas que lhe fazem honra a elle, e que merecem todo o elogio e todo o louvor.

Depois de ter posto em scena com toda a propriedade, com luxo até, uma peça de grande espectaculo o *Miguel Strogoff*, a empreza dos Recreios apresentou na noute do beneficio de Joaquim d'Almeida a traducção muito correcta d'um drama francez, de Victor Sejour, *Les grands Vassaux*, que pelo desempenho notavel que tiveram alguns dos seus papeis mais importanttes, pela harmonia e afinação do seu conjucto, elevou extraordinariamente o nivel artistico do theatro dos Recreios.

Luiz XI e os senhores feudaes, que foi este o titulo dado por Maximiliano d'Azevedo e Salvador Marques á traducção do drama de Sejour, não é com certeza uma peça de primeira ordem, um trabalho de valor litterario, mas é uma peça interessante, bem urdida, e que se presta a um grande trabalho artistico, o um trabalho artistico de enorme importancia e de arriscada difficuldade — o desempenho do papel de Luiz XI.

Papel de grandissima responsabilidade, o Luiz XI da peça de Sejour é muito mais difficil que o Luiz XI de Casimiro Delavigne.

O drama de Sejour apresenta Luiz XI em tres epochas differentes da sua vida tão accidentada, tão complexa, e d'ahi difficuldades enormes de composição de personagens, de seguimento logico de individualidade, que só podem ser vencidas por um artista de grande talento, por um comediante de primeira ordem.

Diz-se que Joaquiam d'Almeida triumphou brilhantemente de todas essas difficuldades é o maior elogio que se lhe póde fazer a elle, é um grande elogio para qualquer grande artista, porque o personagem de Luiz XI é um personagem d'exame, e tanto que figura, em um dos primeiros logares, no reportorio glorioso do celebre tragico Rossi.

Joaquim d'Almeida, estudou, comprehendeu e realisou com talento e consciencia o caracter do filho de Carlos VII, e essa creação feita n'um theatro de segunda ordem é digna de ficar assignalada entre os trabalhos mais distinctos da arte dramatica portugueza.

No desempenho do *Luiz XI* distinguiu-se muito tambem a actriz Lucinda do Carmo, que teve no papel verdadeiros rasgos de talento.

A *mise-en-scene* da peça dos Recreios, é magnifica e é uma prova brilhante das altas aptidões do ensaiador Augusto de Mello.

Alongámo-nos um pouco demais, talvez, dadas as dimensões restrictas da nossa chronica, n'esta noticia ácerca do theatro dos Recreios, mas cremos ser um acto de justiça, não deixar passar em silencio essa feliz tentativa artistica d'um theatro, que começa tão notavelmente a levantar o seu nivel artistico e a afastar-se d'essa vida perfeitamente mercenaria, mercantil, anti-artistica, que infelizmente tem sido a vida dos nossos theatros populares, com gravissimos prejuizos da nossa arte e dos nossos costumes.

E se por um lado a consciencia de termos feito uma boa acção, pondo em evidencia a metamorphose feliz e de bom agouro, operada nos Recreios, não nos deixa lamentar o termos-lhe dedicado quasi toda a nossa chronica d'hoje, por outro lado a ausencia de assumptos importantes que reclamassem a sua immediata attenção, deixa perfeitamente tranquilla a nossa consciencia de chronista.

O carnaval aproxima-se e Lisboa diverte se em *soirées* particulares e em theatros. Das *soirées* as mais notaveis teem sido, como sempre são, as do sr. conde de Daupias, que se distinguem de todas as outras pelo elevado tom artistico que as caracterisa.

Pelos theatros não tem havido novidades.

D. Maria vae interromper as representações do *Hamlet*, para dar as suas recitas de carnaval para as quaes prepara uma comedia nova *O parisiense* de Gondinet.

O theatro do Gymnasio depois de nos dar o beneficio d'uma das mais illustres artistas, a actriz Beatriz Rente, com a bem urdida comedia de Scribe *Os contos da rainha de Navarra*, elegantemente traduzida pelo sr. Carlos Borges, um beneficio que foi uma festa ruidosa, vae dar-nos um d'estes dias o beneficio de Leopoldo de Carvalho, o talentoso ensaiador d'aquelle theatro, com um espectaculo todo novo e que figurará no reportorio do carnaval.

A Trindade deu uma operetta nova, *Heloisa e Abelard* e prepara já outra operetta, que tem um feitio original, que se apresentará proximo do entrudo e que se chama *Papão*.

Os Recreios tem já prompta para subir á scena em beneficio do actor-ensaiador Augusto de Mello o celebre vaudeville *Nitouche*, e S. Carlos, que guardamos de proposito para o fim, porque d'elle temos mais que fallar, deu-nos a resurreição d'uma opera das mais afamadas do seu reportorio antigo — a *Luiza Miller* de Verdi.

Fora da nossa scena lyrica, ha nem mais nem menos do que vinte e um annos, a *Luiza Miller*, á força de velha era nova para grande parte dos espectadores de S. Carlos, grande parte na qual nós nos alistamos, sem querermos com isto passar por creancinhas.

Quando a *Luiza Miller* se cantou pela ultima vez em S. Carlos, tinhamos nós 16 annos, — a idade de Julietta! — e se ouvimos então a opera de Verdi não nos lembramos d'ella, mas cremos que não a ouvimos, porque cantada por quatro grandes artistas, a Rey Balla, o Mongini, o Squartia e o Junca, teriamos d'ella fatalmente reminescencias ainda bem vivas, como temos de mais operas d'esse tempo, executadas por alguns d'esses celebres cantores, como por exemplo da *Martha*, da *Africana* e do *Fausto*, d'esse *Fausto* excepcional de 1866 que ficou celebre nos annaes do theatro de S. Carlos e que só foi igualado senão excedido, pelo *Fausto* do anno passado, o *Fausto* do Massini e da Devriés.

Em todo o caso, ou não ouvida, ou já ouvida e esquecida completamente, o que vem a ser o mesmo, a *Luiza Miller* foi para nós agora uma opera completamente nova.

A impressão que hoje se experimenta a ouvil-a é um pouco estranha, principalmente ao começo, pelo destaque enorme, que a antiga maneira italiana, produz entre a musica moderna.

Sobretudo a simplicidade extrema da instrumentação faz um effeito originalissimo nos nossos ouvidos habituados ás orchestrações complexas, complicadissima da nova escola.

Pouco a pouco, porém, a melodia vae-nos interessando e chega-nos por vezes a impressionar profundamente, a inspiração uberrima de Verdi surge triumphante como por exemplo na romanza de tenor no 2.º acto, cheia de interesse dramatico, vibrante de paixão e de talento.

E a extranhesa que nos causa agora no meio dos novos processos artisticos, essa musica singela e facil, a reluctancia que o nosso ouvido habituado ás grandes combinações orchestraes mostra em se interessar por essa cantilena singela, faz-nos comprehender as difficuldades enormes que a musica nova deve ter encontrado em abrir caminho por entre os antigos moldes lyricos, faz-nos comprehender a lucta gigante, que os processos novos e difficeis encontraram nos ouvidos habituados a essa musica de tão facil comprehensão, e faz-nos admirar ainda mais o talento e a preseverança com que os inovadores souberam triumphar de todos esses habitos antigos.

A interpretação da *Luiza Miller* é difficilima para artistas creados na nova escola, acostumados a trabalho muito differente e muito mais complexos do que o *bello canto*.

Cada epocha e cada escola teem os seus artistas, e do mesmo modo que os grandes cantores afamados da escola italiana, fariam uma figura mediocre a braços com a interpretação dos personagens lyricos do reportorio moderno, os artistas d'hoje não se sentem á vontade n'essas operas feitas para outros artistas, para outras aptidões, e

sob pontos de vista artisticos inteiramente diversos.

Falta-nos espaço e tempo para justificarmos com exemplos esta nossa opinião; mas salta-nos dos bicos da penna, o Aldighieri, o grande barytono Aldighieri que era tão notavel nas operas de Verdi, que cantava d'uma maneira tão brilhante o *Nabuco*, o *Ernani*, a *Força do Destino*. Uma noite em S. Carlos, puzeram-n'o a cantar o Hoël da *Dinorah* e o grande barytono desappareceu: d'outra vez fizeram d'elle o Nelusko da *Africana* e Aldighieri andou muito perto d'um fiasco.

Diga-se porém em honra da verdade, que a sr.ª Bendazzi, o sr. Dufriche e o sr. Lucignani, se não deram um desempenho magistral á *Luiza Miller*, houveram-se com muita arte, e tiveram na opera momentos felizes, sendo por vezes muito applaudidos e com justiça.

A *Luiza Miller* agradou, não como agradou n'outros tempos, do principio ao fim, agradou nos seus trechos capitaes, n'esses trechos que tem a chancella do genio, essa chancella que se ri do tempo e das escolas.

E a empreza de S. Carlos faz um bello serviço ao publico de Lisboa com estas ressureições: a quem conhecia já as operas que ressuscita, faz-lhe avivar saudosas e doces recordações, leva-os ao passado e deixa os viver um bocado n'esses tempos deliciosos que já lá vão: a quem as não conhecia dá o delicado prazer de ouvir e apreciar as grandes obras do antigo reportorio, servindo lhe assim todos os elementos para as confrontações entre o mundo musical de hontem e o de hoje.

A *reprise* de *Luiza Miller* foi um bom serviço e oxalá que a empreza de S. Carlos continue n'essas escavações que tão curiosas e proveitosas são para o publico de Lisboa.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

INCENDIO DO ALCAÇAR DE TOLEDO

O Alcaçar de Toledo, um dos monumentos mais historicamente celebres da Peninsula, residencia perdilecta de reis de Hespanha, Affonsos, Izabeis, Carlos V e Filippe II, e, como lhe chama um auctor hespanhol: insigne capitolio toledano, emblema das grandezas da patria, monumento de gloria que tinhas colados em teus muros os brazões de reinos e provincias que formavam o colosal imperio do vencedor em Tunes e do vencedor em S. Quintino, está reduzido a um montão de ruinas, destruido por um devastador incendio que se manifestou em a noite de 9 para 10 de janeiro ultimo.

Este monumento real, se para a Hespanha recorda epochas gloriosas, para Portugal tambem tem recordações seculares ligadas aos ultimos dias de D. Sancho II, que depois de expulso do reino por seu irmão, o infante D. Affonso, se refugiou no Alcaçar de Toledo onde acabou a vida aos 39 annos de idade, alquebrado pelos desgostos de um reinado infeliz. O seu corpo foi sepultado na cathedral de Toledo, d'onde nunca mais voltou para Portugal.

Foi por 1247 a 1248 que D. Sancho II viveu no Alcaçar, onde não chegou a estar um anno.

Affonso VI de Castella foi quem mandou edificar em Toledo este palacio para sua residencia, e ainda que logo de seu principio a edificação foi grandiosa, esta mais se foi engrandecendo sussivamente á vontade dos monarchas que se succederam.

O real Alcaçar de Toledo foi considerado um monumento imutavel da monarchia castelhana. Fizeram-lhe grandes obras de fortificação Affonso VII *o imperador*, e Affonso VIII *o das navas de Tolosa*; reedificou-o magnificamente Affonso X *o sabio*; embellesou-o D. João II; o imperador Carlos V restaurou o sujeitando-o a um plano uniforme e grandioso traçado pelo illustre architecto Alonso de Covarrubias, conservando as melhores construcções dos seus antecessores e anexando-lhe o famoso *artificio de Juanelo*, machina hydraulica para elevar até ao Alcaçar as aguas do Tejo; D. Filippe II enriqueceu-o com custosas obras que elle proprio dirigiu entendendo-se verbalmente ou por escripto com os architectos Francisco de Villalpando auctor da escada principal e João de Herrera, auctor do mosteiro de S. Lourenço do Escorial.

Tantas riquezas e bellezas de arte foram destruidas por fogo deitado ao edificio em 28 de novembro de 1710 pelos soldados allemães antes de o abandonarem, quando defendiam a causa do archiduque Carlos de Austria, na guerra da succesão.

Por 1744 principiou a restauração do Alcaçar de Toledo, por ordem de Carlos III, o cardeal arcebispo Lorenzana, dirigindo as obras o architecto D. Ventura Rodriguez.

Em 1755 estava concluida a reedificação, e estabelecida no edificio a Real Casa de Caridade, onde se fabricavam magnificas sedas que alcançaram nome dentro e fora do paiz.

Um novo incendio destruiu grande parte do edificio em 31 de janeiro de 1810. Foram as tropas francezas que, como as allemans, commetteram o grande attentado de entregarem ás chammas o historico e rico alcaçar.

Recentemente, durante o curto reinado de Affonso XII, foi o edificio cedido á Direcção Geral de Infanteria, e confiada a sua restauração ao corpo de engenheiros militares, sob a direcção do seu commandante, sr. Hernandez, contribuindo para o embellezamento com magnificas obras os primeiros artistas de Hespanha, entre outros o mallogrado D. Francisco Sans e Cabot, que pintou os quatro grandes quadros que decoravam as paredes do salão regio, e que representavam: *Entrada de Carlos V em Tunez*, *Entrada de Carlos V em Roma*, *Entrevista de Carlos V e Francisco I em Madrid*, e *Carlos V na batalha de Mühlberg*, copia do quadro de Ticiano Vicellio, que existe no museu de Madrid.

Alem da Direcção Geral de Infanteria, fôra ultimamente installado no edificio a Academia Geral Militar, que corresponde ao nosso Collegio Militar.

O incendio que devorou o edificio teve principio na sala principal da bibliotheca, installada no torreão do nordeste, e desenvolveu-se com tal violencia, que dentro em pouco se alastrava a todo o edificio, destruindo quasi todo o interior do alcaçar.

A nossa gravura, reproducção de um desenho feito na madrugada do dia 10 de janeiro, quando o incendio tinha attingido as enormes proporções d'uma fogueira collossal, dá perfeita ideia d'essa obra de destruição, que anniquillou em poucas horas um dos mais celebres monumentos da nossa visinha Hespanha.

HELENA THEODORINI

Ha quatro annos, n'este mesmo periodico, escrevendo nós as nossas impressões de viagem durante dez dias passados em Madrid, fallámos da Theodorini, d'essa grande e gloriosa artista de que hoje damos o retrato na primeira pagina do Occidente.

Tinhamol-a ouvido no *Mephistopheles*, de Boito, na recita de gala no Theatro Real, e n'um dos intervallos foramos-lhe apresentados por um *periodista* madrileno, o sr. Perillan, o redactor da *Broma*, de quem ha muito não temos noticia.

A Theodorini dissera-nos então que um dos seus maiores desejos de artista era o cantar e o ser applaudida em Lisboa.

Nós affiançámos-lhe, com toda a convicção de um lisboeta que conhece a sua terra e o seu publico, que, realisado o primeiro d'esses desejos — o de cantar em Lisboa —, o segundo estaria realisado *ipso facto*.

No fim de trez annos a Theodorini veiu a Lisboa, e o publico não nos deixou ficar mal, consagrou-nos propheta em terra alheia.

Paraphraseando os modelos epistolares do secretario dos amantes, a plateia de S. Carlos recebeu a Theodorini, como nós lhe tinhamos vaticinado nos bastidores da Opera de Madrid: ouvil-a e applaudil-a foi obra de um momento.

E esses applausos foram mesmo muito alem do que nós tinhamos prognosticado, porque, francamente, ouvindo a Theodorini no *Mephistopheles* em Madrid em 1883, nós vimos que aquella Margarida era uma cantora para agradar em Lisboa, mas não suspeitámos que fizesse o *successo* extraordinario que fez e está fazendo no nosso theatro de S. Carlos.

É verdade que n'estes trez annos decorridos a illustre artista, de quem nós dissemos para Lisboa «tem boa voz, canta bem, mas não é ainda uma celebridade», caminhou rapidamente, fez progressos assombrosos, cortou do nosso artigo o *mas*, o *não* e o *ainda*, e apresentou-se-nos em S. Carlos uma celebridade de primeira ordem, uma das mais gloriosas e brilhantes individualidades artisticas do mundo lyrico moderno.

A mulher, a actriz e a cantora ganharam prodigiosamente durante os trez annos que mediaram entre o *Mephistopheles* de Madrid e a *Gioconda* de Lisboa, e, em plena posse de todas as suas graças fascinantes de mulher, de todas as suas poderosas qualidades de artista, a Theodorini é hoje uma das raras creaturas privilegiadas que realisam plenamente o ideal brilhante, difficilimo e complexo da cantora moderna d'opera.

Já lá vae o tempo em que bastava ter uma explendida voz e saber cantar para ser uma grande cantora; hoje é preciso tudo isso e muito mais do que isso: a *virtuosidade* só, faz grandes artistas de concerto, mas para a interpretação dos personagens das operas modernas exige-se, alem da *virtuosidade* das cantoras, o talento dramatico das actrizes, a arte sublime das comediantes, a Stoltz *doublée* de Rachel, a Patti *doublée* de Sarah Bernhardt.

Ora, se isoladamente qualquer d'estas differentes qualidades artisticas são tão raras de encontrar, que as privilegiadas que as possuem marcam logo excepção no mundo, que difficil e que raro e que excepcional não é encontrar todas essas qualidades reunidas n'uma só pessoa, de modo que, sendo eximia como cantora, como actriz eximia seja tambem!

A Fides Devriés, a grande artista que nas duas epochas passadas enthusiasmou Lisboa, era uma d'essas privilegiadas excepcionaes; era-o tambem a Ortolani, e é o egualmente a Theodorini, e eis ahi o segredo da sua enorme superioridade, o segredo dos seus triumphos collossaes, do poder de fascinação irresistivel que exerce sobre o publico.

A *Gioconda* desempenhada pela Theodorini é uma obra prima de execução theatral, é um dos modelos mais completos e brilhantes que nos tem sido dado admirar do que deve ser, perante a arte moderna, a representação d'uma opera.

Tirem a musica a essa opera, a Theodorini que falle em vez de cantar, e a figura da *Gioconda* conservar-se-ha do mesmo modo grande, tragica, magestosa, no meio d'aquelle drama sinistro, subjugará completamente a attenção do publico, impressional-o-ha, como se assistisse á representação de um drama por qualquer das maiores comediantes do mundo, pela Ristori, pela Pezana ou pela Sarah Bernhardt.

Porque a Theodorini quando entra em scena, não é uma prima donna que vem vocalisar perante o publico a musica de qualquer maestro, é sempre o personagem creado pelo poeta que vem amar, sentir, e viver á luz da rampa a sua vida perfeitamente individual: a Theodorini desapparece nos seus personagens, para só elles serem vistos; a sua personalidade annulla-se ante a presonalidade que o seu poderoso talento cria e realisa; o seu canto tem a paixão, tem o sentimento, não que a dominam a ella mulher, a ella artista, mas sim que dominam, que agitam a alma do personagem que ella vive, e por isso que differença entre a Gioconda e a condessa de Fiesque, que differença entre a Aida e a Selika, essas duas princezas negras e selvagens dominadas pelo amor, que differença enorme entre esses dois personagens da mesma opera — entre a Margarida e a Helena do *Mephistopheles* de Boito, duas creações maravilhosas, que pela transicção genial são tudo o que de mais artisticamente notavel temos visto executar no palco de S. Carlos.

Uma grande parte do nosso publico, criada e habituada a ouvir contores perfeitamente italianos educados na escola do *bello canto*, não dá ainda o devido apreço a estas maravilhas artisticas da execução artistica da moderna escola do drama lyrico, ouve as operas sómente pela musica sem se importar com o drama e attende pouquissimo ou nada á creação dramatica dos personagens, e é isso, por exemplo, o que explica os grandes applausos e as grandes sympatias que ás vezes alcançam na nossa terra cantores, que, possuindo grandes vozes, são perfeitamente nullos como comediantes e cantam todas as operas, da mesma maneira, permanentemente com a sua individualidade, para quem a mudança de opera se limita apenas á mudança da musica e do *costume*, sem fazerem caso algum do personagem, como por exemplo acontecia á sr.ª De Reszké, que, como voz era um prodigio que applaudiriamos doidamente, sem ristricções em quaelquer concerto, mas que como cantora d'opera era perfeitamente nulla, não conseguindo nunca commover-nos, impressionar-nos, fazer-nos antever o drama, que em scena se debatia, e que os maestros reproduzem pela nota, como os dramaturgos reproduzem pela palavra.

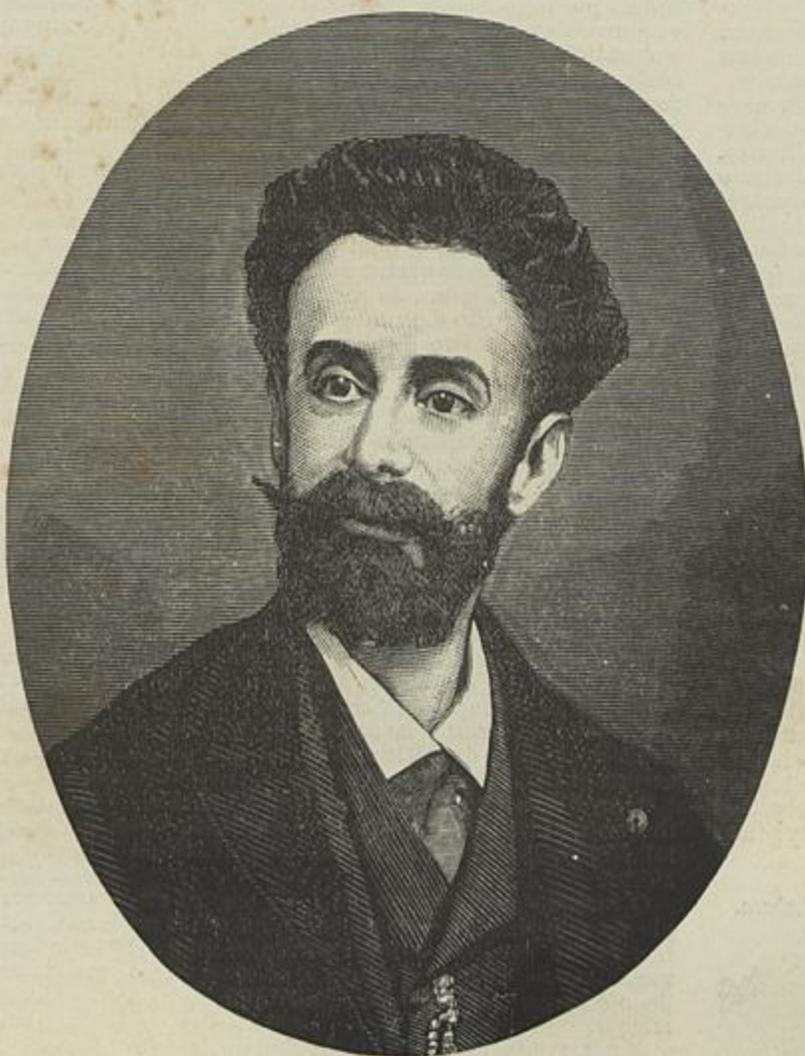
Mas a Theodorini, é ao mesmo tempo uma grande comediante e uma grande cantora: tem

todas as qualidades poderosas de actiz que os delicados apreciam e admiram, e ao mesmo tempo todas as brilhantes qualidades de cantora, todos os prodigios de *virtuosidade* que avassalam e enthusiasmam os amadores do bello canto, e por isso ella triumphou em toda a linha e ao passo que uma grande parte do publico a applaude ruidosamente, enthusiasticamente, como cantora notabilissima, a outra parte do publico, a mais exigente em coisas da arte, a applaude com maior entusiasmo ainda, porque encontra n'ella uma grande cantora e ao mesmo tempo uma comideante *hors-ligne*, essas duas rarissimas qualidades, que reunidas produzem as artistas excepcionaes.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

OS DORIAS

De AUGUSTO MACHADO

Registando, como é dever seu, a representação e o *successo* da opera portugueza os *Dorias*, o Occidente publica hoje o retrato do illustre maestro Augusto Machado, e o retrato da grande cantora Helena Theodorini, a interprete mais notavel da sua opera, e publicará successivamente os retratos de todos os outros artistas que crearam os papeis dos *Dorias*, e que, pelo seu talento e pela sua boa vontade, contribuiram poderosamente para o bello

O maestro Augusto Machado, auctor da opera «Os Dorias»

successo alcançado pela opera do maestro portuguez.

A biographie de Augusto Machado foi publicada no n.º 148 do Occidente (1 de fevereiro de 1883) por occasião da representação em Marselha da sua grande opera *A Laureana*, e a ella enviamos os nossos leitores.

A biographia de Helena Theodorini começa hoje a ser publicada no nosso jornal, e o artigo geral ácerca dos *Dorias* somos forçados a addial-o para o proximo numero por absoluta falta de espaço.

De Angola á Contra Costa

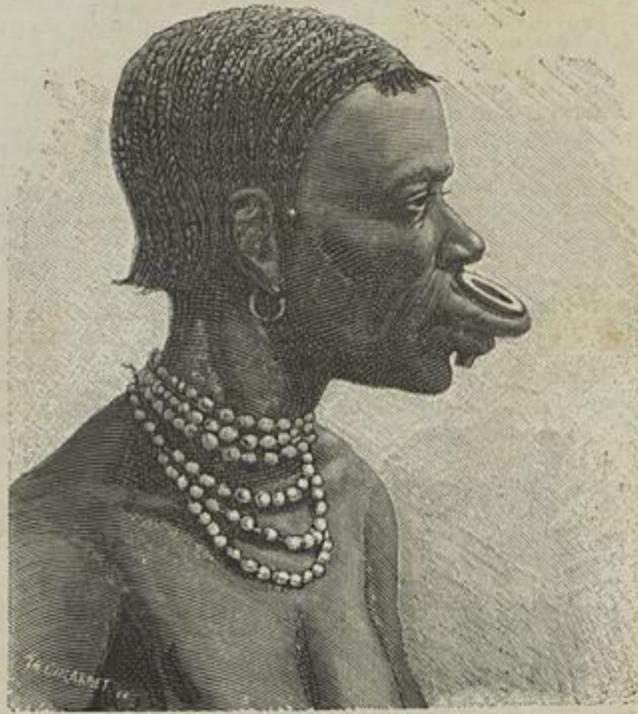
A obra que com o titulo *De Angola á Contra Costa* acaba de sahir dos prelos da Imprensa Nacional, é mais uma affirmação do quanto n'estes ultimos annos se tem trabalhado em Portugal, a favor da civilisação africana.

Esta obra é a descripção minuciosa da viagem dos intrepidos exploradores Hermenegildo Capello e Roberto Ivens, realisada por terra entre Mossamedes, ponto de partida e Quilimane, o termo da viagem de exploração, ou um percurso de 4:500 milhas vencidas em quatorze mezes.

D'estas 4:500 milhas ha cerca de 3:000 em territorio que nunca foi pisado por europeus e raro por naturaes.

A obra consta de 2 volumes sendo o 1.º de 448 paginas e mais 28 de frontespicio, dedica-

Incendio do Alcaçar de Toledo, em a noite de 10 de janeiro de 1887

DE ANGOLA Á CONTRA COSTA

Mulher Amboella do Cubango
Mulher de Senga — Mulher do Humbe — Phacochœrus africano — Homem do Humbe — Antilope Gaama — Feiticeiro de Bunqueia
(Gravuras extrahidas da obra **De Angola á Contra Costa**)

torias, indices e prefacio, e 4 mappas; o 2.º de 430 paginas e 2 mappas.

É impossivel n'uma limitada noticia dar uma perfeita idéa do que é esta obra e do seu valor para as sciencias geographica e economica, entretanto faremos uma pequena resenha e por ella poderá o leitor ajuisar da importancia do livro dos benemeritos exploradores.

O livro tem tres dedicatorias sendo a primeira a Sua Magestade El-rei o Senhor D. Luiz I, a segunda ao Povo Portuguez e a terceira ao Ex.mo sr. Manoel Pinheiro Chagas, etc.

Esta ultima dedicatoria tem a alta significação de se dirigir ao ministro da marinha e ultramar, que ordenou se fizesse a viagem de exploração de que este livro é resultado.

Grandes devem ser os proveitos a tirar d'esta viagem, se o enthusiasmo com que a nação recebeu os singulares viajantes, não tiver arrefecido, e se traduzir em util aproveitamento dos sacrificios feitos por Capello e Ivens para devassarem o interior da Africa e virem dizer qual a sua importancia agricola, condições do seu clima, a indole dos seus habitantes, o estado da sua civilisação ou barbarie, o melhor caminho entre as populações das duas costas e todos os mais pormenores que se encontram no seu livro, que vem fazer a luz sobre tantos pontos até agora obscuros do paiz africano.

A obra de Capello e Ivens lê-se tanto por curiosidade como por gosto. A descripção do paiz não interessa menos do que a narrativa elegante e accidentada da viagem.

Principiando por um esboço historico sobre as tentativas dos portuguezes para devassar a Africa, offerece mui sensatas considerações sobre o Congo e a celebre Associação Internacional, e escudando-se na historia politica do Congo affirma as relações de Portugal com aquelle reino e vassalagem de longa data.

Isto com respeito á parte historica mais ou menos ventilada n'estes ultimos tempos na imprensa; com respeito, porém, á viagem o interesse augmenta, porque começa a curiosidade a aguçar-nos o espirito com a revelação d'esse pequeno mundo, ignorado até ao momento em que os viajantes nol-o descrevem, com os seus costumes, com as suas paysagens e os seus habitantes.

Mas o livro tambem, nos não falla só á curiosidade; desperta um grande interesse para o commercio, para o capital, para a industria agricola, para a colonisação, emfim, como o meio mais pratico de aproveitar a Africa nos pontos em que ella é mais salubre e de mais apropriado clima para o europeu.

Um d'esses pontos indicado por Capello e Ivens na sua obra é a Huilla, região fertilissima que póde produzir todos os fructos conhecidos, que tem uma agricultura abundante, embora restricta á população, porque a difficuldade das vias de communicação e carestia de transportes lhe não permitte o alargar o seu fabrico. O trigo n'esta região produz fabulosamente, e todos os mais cereaes, legumes e hortaliças se criam perfeitamente produzindo em grande abundancia. O clima é magnifico e o colono europeu póde alli formar familia como na sua terra natal.

Esta região, posta em communicação rapida e facil com Mossamedes desenvolveria uma riqueza incalculavel pela exportação dos seus productos agricolas para o Cabo e outros pontos de Africa, se até o proprio trigo não viesse para a Europa, muito melhor e com mais vantagem do que o estamos importando da America.

Para as sciencias naturaes e geographica, traz o livro importante subsidio, apresentando uma variedade de raças negras ainda não estudadas assim como de animaes silvestres, avultando no gado caprino grande variedade que se póde avaliar pela profusão de desenhos que illustram a descripção; a mosca *tzé-tzé* é uma das particularidades mais curiosas pela influencia que este diptero tem sobre algumas povoações; a flora africana tambem occupa o seu logar no livro com grande proveito para a sciencia, e os estudos hydrographicos constituem tambem uma parte muito importante da obra de Capello e Ivens, determinando em especial a origem e corrente do Lualaba e outros rios.

Como se vê, pelo rapido esboço que fazemos da obra de Capello e Ivens *De Angola á Contra Costa*, não lhes falta interesse que disperte o publico e lhes chame a attenção para a sua leitura como o melhor meio de conhecer o paiz africano.

Para completarmos melhor a idéa que pertendemos dar d'esta obra, publicamos a paginas 37 algumas gravuras das que illustram os dois volumes e que mais augmentam o seu valor artistico, e melhor esclarecem a descripção.

O Occidente que desde a sua fundação, tem sempre acompanhado com o maior interesse todo esse movimento produzido em favor da Africa, que tem sido talvez o periodico que desde o seu principio mais se tem occupado de assumptos africanos, não póde deixar de saudar com todo o enthusiasmo o novo livro dos benemeritos exploradores Capello e Ivens *De Angola á Contra Costa*, e de fazer votos para que o trabalho, a abnegação, o patriotismo que esse livro representa por parte dos seus auctores, tenha um resultado pratico mais grandioso e util do que as ruidosas festas com que a patria os recebeu no seu regresso, homenagens áliaz muito justas aos grandes benemeritos, mas que não bastam para lhe compensarem os esforços e os sacrificios feitos.

O que esses heroes se propozeram fazer, concluiram o; agora compete áquelles que pela sua posição official, ou pelos seus recursos de capital poderem aproveitar e desenvolver o trabalho feito, não se deixarem cahir na indifferença, e desprezarem as fontes de riqueza que a Africa é susceptivel de proporcionar, convenientemente explorada.

Depois de tantos sacrificios essa indifferença e desprezo seria um crime!

C. A.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XXV

A trisecção do angulo — Instrumento destinado á resolução d'este problema, inventado pelo sr. João Theodoro Lopes Valladas e construido pelo sr. Miguel Augusto Correia de Aguiar.

A trisecção do angulo ou do arco que lhe serve de medida, por meio da regua e do compasso, é um problema cuja solução rigorosa parece impossivel.

Alguns geometras teem tornado essa resolução mais accessivel por meio de uma curva com a qual se pode obter o terço de um arco qualquer, e inventando um *compasso trisector*.

Azemar e Garnier occuparam-se muito d'este assumpto, tanto sob o ponto de vista geometrico, como na sua resolução analytica.

O sr. João Theodoro Lopes Valladas, alferes de cavallaria, inventou um instrumento mathematicamente exacto e com o qual se obtem com grande exactidão pratica a trisecção de qualquer angulo. Publicamos a figura e a descripção, que é escripta pelo proprio auctor, a quem felicitamos pelo seu trabalho, que merece toda a consideração dos homens da sciencia.

Cabe aqui mencionar que foi o sr. Miguel Augusto Correia de Aguiar, digno empregado do observatorio astronomico da Escola Polytechnica, que executou com extrema habilidade o instrumento, sendo dirigido pelo auctor e conforme os desenhos detalhados que lhe foram presentes.

João de Mendonça.

DESCRIPÇÃO DO INSTRUMENTO DESTINADO Á TRISECÇÃO DE QUALQUER ANGULO

1.ª parte. — Consta esta parte d'um limbo semi-circular, graduado da direita para a esquerda, e perfeitamente semelhante a um transferidor ordinario, e tendo do lado esquerdo uma fenda *ij* (fig. A) em arco de circulo, cuja medida é de 60°, mais o raio do eixo *f* que n'ella gira. Os arcos de circulo que limitam a fenda *ij* são concentricos com os arcos semi-circulares que limitam e existem no limbo do transferidor, esta fenda termina para a frente em semi-circumferencia, descripta com o raio do eixo *f* da regua movel *ab*, que nos determina a terça parte do angulo dado, eixo a que acima já nos referimos. A semi-circumferencia *ccc* interna do transferidor é graduada em graus e meios graus chanfrada até curta distancia do arco semi-circular de raio *r* que passa pelo centro da fenda do transferidor e consequentemente pelo centro do eixo *f*. Pelo centro dos semi-circulos e pelos extremos dos mesmos passa a linha de fé do instrumento, que é dada por uma regua parte integrante do limbo do mesmo instrumento; n'esta regua e no ponto correspondente ao centro *o* do limbo existe uma conformação especial que tem um disco circular de vidro com um ponto no centro para se fazer a coincidencia com o vertice do angulo dado no papel e serve de eixo á parte inferior do ponteiro *gh* que nos marca a grandeza do mesmo angulo. A regua fixa ao limbo do instrumento, aonde existe a linha de fé, tem oito orificios roscados, nos quaes entram outros tantos parafusos que a ligam a outra superior e separada do limbo, da qual adeante fallaremos, dois d'estes parafusos teem cabeça em forma de botão, servindo para o manejo do instrumento. Do lado esquerdo do centro do limbo e na regua, parte integrante d'este, existe uma cavidade, aonde entra a parte inferior do ponteiro *gh* e um rebaixo que forma uma fenda com a regua que fica sobreposta, na qual entra o arco *lm*, de que adeante fallaremos; uma outra cavidade existente na parte inferior do limbo e em toda a extensão da fenda *ij*, situada do lado esquerdo do mesmo serve para a fixação e movimento do eixo *f* da regua *ab* nas variadas posições dadas pelos differentes angulos, dos quaes queremos achar a terça parte. No extremo esquerdo da regua fixa ao limbo existe parte d'um entalhe que serve para a subjeição do extremo *a* da regua *ab*, á linha de fé existente n'aquella regua.

2.ª parte. — Esta consta d'uma regua com movimento em torno d'um eixo *f* que pode correr em toda a extensão da fenda *ij* e tem pelo menos o comprimento exacto de tres vezes o raio *r*, podendo exceder um pouco esta dimensão, do lado de *b*, o que facilita o seu movimento. Este eixo tem uma disposição conveniente para se fixar, girando ao longo da fenda *ij*, n'um rebaixo que existe inferiormente em toda a extensão d'ella, cavado na espessura do limbo. A pouca distancia do eixo *f* existe um arco de circulo *lm* descripto de *a* como centro e de raio arbitrario, porem menor que *r*, graduado em graus e meios graus de 0° até 60°, existindo o zero sobre a linha da regua movel *ab* que passa pelos centros dos dois eixos *a* e *f* da mesma. Este arco *lm* entra n'uma fenda formada pela regua fixa ao limbo e pela que se lhe sobrepõe, e dá-nos o valor da terça parte do angulo dado, depois d'obrarmos convenientemente, podendo ser-lhe adaptado um nonio, o que daria mais rigor ao resultado. Ao eixo *a* está articulada uma peça que corre n'um entalhe existente na parte esquerda do limbo e formado pela regua, parte integrante do mesmo limbo, e pela que se lhe sobrepõe. A regua *ab* acha-se graduada no instrumento, mas isto nada tem que ver com a medição dos angulos.

3.ª parte. — Esta consta d'uma outra regua que se ajusta sobre a que está intimamente ligada com o limbo. Do lado esquerdo do centro do limbo é aquella regua cavada na sua espessura, formando ambas reunidas uma fenda onde gira o arco *lm*, como já dissemos, esta fenda é praticada em toda a largura da regua, occupando uma espessura um pouco superior á altura do mesmo arco *lm*, a qual é egual ou menor que a altura da regua movel *ab*. Esta regua tem ainda na parte correspondente ao centro *o* do limbo uma cavidade roscada interiormente, na qual se aparafusa o eixo da parte superior do ponteiro *gh*. Como é necessario na applicação do instrumento que o vertice do angulo dado ajuste com o centro *o* do limbo, é aquelle eixo cavado em toda a sua extensão, estando em completa correspondencia com o eixo da parte inferior do ponteiro *gh*, onde existe o disco de vidro, de que já fallámos, conseguindo-se assim fazer facilmente o preciso ajustamento. Para o angulo de 180° é necessario que o ponteiro *gh*, em virtude da sua conformação, possa entrar na regua de que estamos tractando; é por esta razão que lhe achamos praticada ainda do lado esquerdo uma cavidade *pq* do comprimento da parte superior do ponteiro e de profundidade egual á largura d'esta peça. O comprimento d'esta regua é um pouco maior que tres vezes o raio *r*, por causa d'um excesso sobre este valor, destinado ao manejo do instrumento, n'esta regua existem oito orificios que se destinam aos parafusos que a ligam á regua inferior, parte integrante do limbo, de que já fallámos.

4.ª parte. — Esta parte do instrumento é formada pelo ponteiro *gh* que consta de dois ramos ligados entre si sómente do lado que tem dois olhaes. Na extremidade *h* do ramo superior e a uma distancia do centro do limbo egual ao raio *r* existe aparafusado um indicador cuja parte inferior é aguçada, destinando-se ao ajustamento com a regua *ab* e marca o valor do angulo dado; existindo o eixo d'este indicador aparafusado no plano vertical que passa pelo centro *o* do limbo e pelo lado direito do ponteiro; tendo para isto o ponteiro *gh* um engrossamento na extremidade, o qual serve de porca ao indicador *g*, ficando pois o ponto de ajustamento no plano vertical que passa pelo centro *o* do limbo e lado direito do dito ponteiro *gh*. N'este ponteiro o lado direito é recto e passa pelo centro *o* do limbo e o esquerdo é inclinado em relação ao primeiro, não passando por *o*. As duas partes annulares existentes na extremidade que serve para a ligação do ponteiro *gh* ao instrumento têem o seu centro na vertical de *o* e

giram em duas partes do eixo existentes uma na regua fixa ao limbo e a outra na regua que fica superiormente, sendo ahi ligada por um parafuso vasado interiormente. No intervallo dos dois ramos passa a regua movel ab e o inferior toca com toda a sua face inferior no plano, onde possa estar marcado o angulo dado, facilitando-se assim o ajustamento com um dos lados do dito angulo; e existindo o ramo superior n'um plano que está situado superiormente á regua movel.

A fig. *A* representa o instrumento na posição em que se emprega, deixando vêr todas as suas differentes partes.

Emprego.—Colloca-se o ponto o, centro do eixo do ponteiro gh proximamente sobre o vertice do angulo dado e move-se o instrumento até que a linha de fé fique sobre um dos lados do angulo e de modo que o ponteiro gh se possa ajustar sobre o outro lado, em seguida move-se lateralmente o instrumento e o ponteiro gh, de maneira que o lado que é diametro do eixo do mesmo, se ajuste sobre o outro lado do angulo; a extremidade inferior do indicador é conservada na altura da face superior da regua movel ab e ajusta-se com o lado da mesma regua ab diametro do seu eixo f, movendo-a paraeste fim; depois de operarmos assim o arco lm fixo á regua ab dá-nos immediatamente a grandesa da terça parte do angulo dado. É necessario descer o indicador até tocar no limbo, se n'elle queremos lêr com exctidão o valor do angulo.

Quando se não quizer grande rigor, o ponteiro póde ser em parte dispensado, fazendo se o ajustamento do lado da regua movel ab diametro do eixo f da mesma, não com a extremidade inferior do indicador, mas com o ponto de intersecção da circumferencia, correspondente á extremidade inferior do indicador e que passa pelo centro do eixo f, com a divisão do limbo correspondente ao lado do angulo dado; dissémos em parte, porque a circumferencia que passa pelo centro do eixo f, não existe traçada para além de 118° 40', por não o permittir a fenda em arco de circulo do comprimento de 60° mais o espaço occupado por metade do eixo f que n'ella gira; sendo portanto indispensavel a partir do dito angulo de 118° 40', proximamente, recorrer ao ponteiro gh para fazer o necessario ajustamento.

Bases da construcção do instrumento.—Caso do angulo agudo.—Sendo-nos dado um angulo agudo qualquer, ecf se fizermos centro no seu vertice, descrevermos uma circumferencia de raio r arbitrario, prolongarmos um dos seus lados cf e em seguida unirmos o ponto de intersecção e (do outro lado com a circumferencia) com o prolongamento de cf em um ponto tal, que a parte ab exterior á mesma circumferencia seja egual ao raio r, o angulo abc será egual a $\frac{ecf}{3}$:

Demonstração

Demonstra-se pela geometria elementar plana, fundando-nos por exemplo, no seguinte: *O angulo inscripto tem por medida metade do arco intercepto pelos seus lados.*

$$eag = 2\ abc \text{ e } 2\ eag = ecg = 4\ abc$$

mas

$$fcg = abc$$

logo

$$fce = 3\ abc \text{ ou } abc = \frac{fce}{3}.$$

Para o caso do angulo *recto* o seguimento da demonstração é o mesmo.

Se o angulo fôr *obtuso* em quanto elle não chega a 135° a recta eb é sempre maior que r e opera-se exactamente como no caso do angulo agudo; quando o angulo é de 135° a recta eb é egual ao raio r e egual a ab, o ponto e confunde-se com a; para demonstrarmos que abc é a terça parte de aej, no caso do angulo ser de 135° fundamo-nos no seguinte: *O angulo ex-inscripto formado por uma corda e por uma tangente tem por medida metade do arco comprehendido pelos seus lados;* d'onde se conclue que

$$fac = 2\ abc$$

$$fac = \frac{alg}{3}\ (90°) = acl = lcg$$

mas

$$jeg = acb = abc\ (45°)$$

logo

$$abc = \frac{acj}{3}$$

Logo que o angulo passa para um valor superior a 135°, a recta eb torna-se menor que r; n'este caso demonstra-se que abc é a terça parte de ecj, fundando-nos no seguinte: *O angulo ex-inscripto formado por uma corda e pelo prolongamento d'outra tem por medida a semi-somma dos arcos que subtendem as duas cordas;* posto isto

$$fag = \frac{\widehat{ag} + \widehat{ae}}{2} \text{ ou } \widehat{ag} + \widehat{ae} = 2\ fag$$

mas

$$fag = 2\ abc$$

logo

$$\widehat{ag} + \widehat{ae} - \widehat{jg} = 3\ abc \text{ ou } jce = 3\ abc$$

$$\text{ou } abc = \frac{jce}{3}$$

como se queria demonstrar.

Quando o angulo dado é de 180° é claro que o ponto e se confunde com b na intersecção i do lado cj com a circumferencia de raio r. Como

$$ab = r\ acb = abc = 60° = \frac{180°}{3}.$$

João Theodoro Lopes Valladas.

Vapores «Cacongo» e «Massabi» e barca «Cabinda»

(Concluido do n.º 283)

A barca *Cabinda* chegada ao Tejo em 20 de setembro do anno passado, foi adquirida e transformada em Inglaterra, (com destino a servir de pontão de carvão, no norte da nossa provincia de Angola, pelo mesmo tempo que foram construidos os vapores *Cacongo* e *Massabi*.

Apesar de não ser um navio novo, estava quando se effectuou a sua compra, em tal estado de conservação, que foi considerada na 1.ª classe dos Lloyds, e garantida por 11 annos a sua classificação n'aquella classe.

O seu custo primittivo com todos os pertences, sendo 2:100 libras, embora se despendesse não pequena quantia, com as alterações que foi necessario effectuar lhe para a tornar propria ao fim a que era destinada, torna a sua compra evidentemente vantajosa, pois o custo total foi bastante inferior, ao que seria o de um barco construido expressamente para o fim proposto.

Esta vantagem que seria ficticia, se o navio adquirido promettesse curta duração, e se feitas as alterações que soffreu, não ficasse satisfazendo ás condições devidas, tornou-se real, pois que a classificação que lhe foi dada, mostra o seu magnifico estado, e nada deixa a desejar como deposito fluctuante, segundo a opinião das pessoas competentes que a viram no Tejo.

Das obras que soffreu depois de comprada, a principal, foi a fazer-se-lhe um costado fixo e forral-a exteriormente de cobre.

Era isto essencial, por quanto o navio sendo de systema *composité*, (ferro e madeira), necessitava para a conservação, que se lhe beneficiasse repetidas vezes o fundo, no caso de tal obra se não ter effectuado.

Este beneficiamento não era porém possivel fazer-se em Angola, onde não ha dokas, e o navio, sendo destinado a pontão, não podia ir a local onde as houvesse.

A barca *Cabinda* é da lotação de 600 toneladas, tem uma excellente coberta onde está o alojamento do commandante, camarotes para officiaes, e estado menor, uma enfermaria para seis doentes que se póde considerar como modello no genero. Botica, casas de banho, e dispensas d'artilheria. O paiol para guardar polvora, é vasto, e muito bem installado.

Tem um guincho a vapor, para carregar e descarregar o carvão.

A caldeira que dá vapor para este guincho, tambem o dá para uma machina de producção de gelo, que póde produzir 200 a 300 kilos por dia. O gelo produzido é para ser principalmente applicado nos hospitaes e enfermarias, que haja nas proximidades d'onde a barca vai estacionar, havendo para a conducção d'elle, caixas apropriadas.

Logo que o navio chegue ao seu destino correr-se-lhe-ha um toldo geral de madeira, com ventilações.

A barca *Cabinda* levou para Angola, além de 350 toneladas de carvão, e do toldo de madeira, desmanchado e dividido em peças, uma quantidade de objectos para serviço da provincia, tal, que o frete que por elle teria de se pagar, compensa em grande parte o custo inicial do navio.

A enumeração d'esses objectos evidenciará esta asserção; foram elles:

Grande parte do material para dois vapores de rodas, que se vão construir em Loanda.

Duas lanchas a vapor desarmadas.

Dois lanchões de ferro em quarteladas, para as descargas em Cabinda.

6 boias para balisagem, com as competentes amarrações.

4 pharoes da 5.ª ordem, de 12 milhas d'alcance, montados em bipés de ferro, de 30 pés d'altura.

Além dos objectos enumerados levou mais para o Zaire alguns outros adquiridos em Inglaterra para serviço militar-naval n'aquella colonia, taes como barracas de campanha-pharmacias portateis para escaleres, bornaes, cantis, malotes impermiaveis, podendo servir de camas no campo, e outros de que a marinhagem tenha de fazer uso quando em serviço em terra.

Por participação do commandante, o 1.º tenente Azevedo Gomes, sabe-se que a barca sahida de Lisboa em novembro do anno passado fez uma viagem excellente para Angola, mostrando ser um bom navio de vella.

A.

ANTONIO SOARES DOS REIS

Professor de esculptura da Academia Portuense de Bellas-Artes

(Concluido do n.º 291)

Medalhões:

Dos srs. Diogo José de Macedo e esposa, doutor Francisco Fernandes Dourado, Joaquim de Pinho e Simões d'Almeida. O d'este ultimo foi reproduzido em galvanoplastia pelo sr. Francisco Baptista dos Santos, discipulo do retratado, e os tres primeiros hão de ser reproduzidos em marmore.

Estatuas em marmore de Carrara:

O desterrado, propriedade da Academia Portuense de Bellas-Artes, onde se acha, e que foi premiada com uma primeira medalha na exposição de Madrid de 1881, sendo alem d'isso o seu author agraciado com o grau de cavalleiro da ordem de Carlos III.

O artista na infancia (1), propriedade da sr.ª duqueza de Palmella. Esteve na exposição universal de Paris de 1878, e o modelo, que pertence ao author e existe no Centro Artistico Portuense, exhibiu se nas exposições triennal de 1874 e da Sociedade Promotora de 1875.

Conde de Ferreira (retrato), que faz parte do monumento erguido á memoria d'aquelle benemerito titular no cemiterio primitivo da ordem da Trindade, em Agramonte. O modelo d'esta estatua collossal pertence á Academia Portuense de Bellas Artes, onde existe.

A saudade, estatueta pertencente ao sr. Francisco de Oliveira Chamiço. O modelo existe em poder do sr. José Victorino Damazio.

Retrato da filha dos srs. condes de Almedina e pertencentes aos mesmos. O modelo d'esta estatueta é propriedade do author, e existe no Centro Artistico Portuense.

Dr. Felix de Avellar Brotero, em via de conclusão, e destinado ao monumento que vae erigir-se em Coimbra áquelle sabio botanico.

Em bronze:

Francisco de Almada e Mendonça, busto collossal (2) do monumento erguido por subscripção particular no cemiterio do Repouso, ao illustre corregedor. O modelo não se sabe onde pára.

D. Affonso Henriques, estatua collossal destinada ao monumento que vae erguer-se em Guimarães. O modelo em gesso d'esta estatua está concluido, devendo em breve proceder-se á fundição em bronze.

Em granito:

Estatuas de S. José e de S. Joaquim, que adornam a fachada da capella em estylo ogival, da propriedade do sr. José Joaquim Guimarães Pestana da Silva, do Porto. Os modelos em gesso estão na Academia Portuense de Bellas Artes. Soares dos Reis tambem executou para esta capella varios modelos de ornamentação.

O insigne estatuario, alem das suas obras em esculptura, tem executado tambem varios projectos em architectura, sendo o principal aquelle

(1) Vide Occidente, n.º 19, 1.º vol. pag. 145.
(2) Vide Occidente, n.º 242, 8.º vol. pag. 201.

que apresentou no concurso para o monumento aos Restauradores, em Lisboa.

O concurso foi annullado, como é sabido, apesar do projecto de Soares dos Reis ser um dos que tinha mais probabilidade de obter o 1.º premio, e tanto assim que no que hoje existe ha muitos pontos de approximação d'aquelle. Não obstante isso, nem sequer se encarregou o referido artista de fazer uma das estatuas do monumento.

A verdadeira historia artistica d'esse monumento ainda está por escrever com toda a serie de peripecias que com elle se deram.

Soares dos Reis tem collaborado tambem com desenhos para illustrações de varias obras.

Alem dos que em tempos este jornal publicou, executou um desenho para a capa da edição popular do D. Jayme, feita pela antiga casa Moré, e parte das illustrações de uma edição dos *Lusiadas*.

Dotado de conhecimentos solidos sobre os diversos ramos de bellas-artes, desenhador habil e correcto, o talentoso professor possue ainda a paixão da archeologia. Assim, tem por vezes feito excursões a diversos pontos do paiz no intuito de conhecer e estudar os velhos monumentos da arte portugueza, e de investigar mesmo nos restos de antigas povoações extinctas, a proveniencia e importancia dos seus primitivos habitantes. Sobre estes assumptos, a sua opinião é sempre proveitosa e authorisada.

Alem das distincções que alcançou como alumno das Escolas de Bellas Artes do Porto e de Pariz, Soares dos Reis obteve uma menção honrosa na exposição universal de Pariz de 1878, medalha de ouro na de Madrid de 1881 e o grau de cavalleiro de Carlos III de Hespanha, graça inherente áquelle premio e de que o artista nunca quiz fazer uso.

E, alem d'isso, academico de merito das Academias de Bellas Artes de Lisboa e Porto.

Dos governos d'este paiz nunca recebeu o menor galardão, apesar de tanto ter contribuido com os seus trabalhos para o lustre e para o bom nome da arte nacional. Estes esquecimentos são proverbiaes em uma nação que mais se preoccupa com as honrarias a dispensar a estranhos do que com o reconhecimento dos meritos dos seus filhos, principalmente quando elles fazem parte do limitado grupo dos cultores das artes plasticas.

No meio da carreira honrada e brilhante do insigne esculptor, a malevolencia e a inveja teem por vezes tentado feril-o e trucidal-o. Mas por mais insidiosos que hajam sido esses ataques, por mais despreziveis que tenham sido os manejos indecorosos dos inimigos da sua gloria, o nome do notavel estatuario mantem-se radiante e impolluto, radiado pela aureola de uma vida sem mancha e engrandecido pelo valor real das suas obras admiraveis.

Termino este esboço biographico por onde o devia principiar.

Antonio Soares dos Reis nasceu em 14 de outubro de 1847 na freguezia de S. Christovão de Mafamude, concelho de Villa Nova de Gaya: teve por progenitores Manoel Soares e D. Rita do Nascimento de Jesus, ambos tambem da mesma localidade.

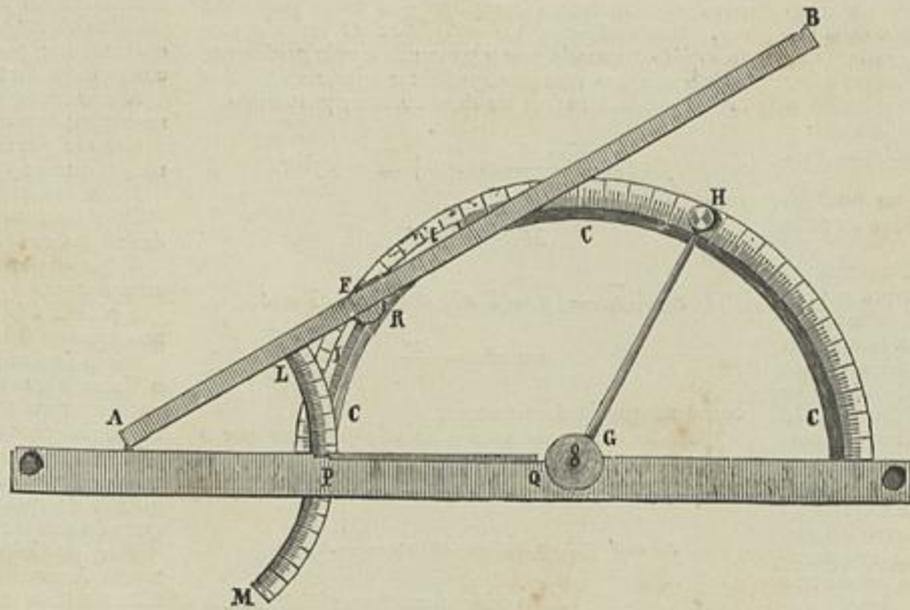
Manoel M. Rodrigues.

Nota. — Cumpre-me corrigir algumas pequenas inexactidões que se deram n'este artigo biographico.

O projecto de um theatro, que serviu para exame do 5.º anno de architectura de Soares dos Reis, quando estudante, não se inutilisou no embrulho de algum pedaço de toucinho, mas existe, se bem que apodrecido e abandonado como algumas das telas do Atheneu de D. Pedro, na aula de architectura da Academia Portuense de Bellas-Artes.

O esboceto apresentado no concurso triennal de esculptura pelo mesmo artista, representava Hercules e Antheu, e o executado para o concurso de pensionario no estrangeiro, tinha por assumpto Hercules e Argus.

O esculptor italiano, author do busto de Domingos Antonio de Sequeira, chamava-se Tenerani e não Tenerassi, como sahiu por erro typographico.

M. M. Rodrigues.

Instrumento destinado á trisecção do angulo, inventado pelo alferes sr. João Theodoro Lopes Valladas

(Vide artigo "Actualidades Scientificas")

RESENHA NOTICIOSA

Academia Real das Sciencias. Houve no dia 3 do corrente, sessão na Academia Real das Sciencias a que presidiu sua magestade el-rei D. Luiz. O sr. dr. Bocage communicou á Academia que fôra offerecido por sua alteza o principe D. Carlos, ao muzeu da Escola Polytechnica, um exemplar de uma nova especie de lula, o qual foi examinado e classificado pelo sr. Arruda Furtado; o sr. Rodrigues communicou os seus estudos sobre a resistencia do ar ao movimento dos projectis; o sr. Eduardo Abreu offereceu o seu relatorio sobre a raiva; o sr. Perry participou a descoberta de um manuscripto do visconde da Esperança a respeito da ilha de Ceylão; e o sr. Jayme Moniz apresentou o regulamento para a adjudicação do premio de 1:000$000, instituido por el-rei para ser conferido pela Academia, annualmente, á melhor obra litteraria ou scientifica que se produzir no paiz.

Jogador de bilhar. Tem estado em Lisboa mr. Gabriel, notavel jogador francez de bilhar, que no dia 2 do corrente deu uma explendida sessão d'este jogo, no Real Gymnasio Club Portuguez, a que assistiu grande numero de socios do club e suas familias, membros da imprensa e outros convidados. Mr. Gabriel deu a um distincto amador o partido de 120 carambolas a uma serie de 200, e ganhou a partida com 223, não deixando fazer ao seu competidor mais que 27 carambolas. O notavel bilharista junta as bolas a um canto do bilhar e ahi faz quantas carambolas quer, com uma pericia extraordinaria, outro tanto, porém, não acontece com o jogo largo, em que por ventura, encontraria competidores que lhe levassem vantagem. Em jogo de phantasia tambem faz cousas extraordinarias, como, por exemplo a de collocar no centro do bilhar um chapeu alto, e carambolar successivamente com as tres bolas sem nunca tocar no chapeu, ou ainda o de collocar no chão um taco e ao pé d'uma das extremidades d'este uma bola, depois fazer saltar do bilhar uma bola a que aponte, ella cahir no chão e rolar ao longo do taco indo carambolar com a parceira. Estes prodigios de destreza e arte, maravilharam todas as pessoas que assistiram á sessão, para a qual recebemos convite que agradecemos.

Distribuição de premios. Celebrou-se no dia 8 do conrrente uma sessão especial na Sociedade de Geographia de Lisboa, para a distribuição das medalhas e diplomas conferidos aos expositores portuguezes na exposição de Antuerpia. Fez a distribuição o sr. conselheiro Henrique de Macedo ministro da marinha e ultramar.

Distincção honrosa. O professor da escola central de Paris, o sr. Roberto Duarte Silva, nosso compatriota, foi eleito presidente da sociedade chimica de Paris.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista de Estudos Livres. Directores litterario-scientificos, dr. Theophilo Braga e Teixeira Bastos; Nova Livraria Internacional, editora, Lisboa. N.os 11 e 12 correspondentes a novembro e dezembro ultimos, cujo summario é o seguinte: Historia da Pedagogia em Portugal, por Theophilo Braga; Os sonetos de Anthero de Quental, por Teixeira Bastos; As conferencias na Academia, por Junio de Souza; Individualismo e colonisação (conclusão), por Carlos de Mello; Dos fungos (estudos botanicos, conclusão), por Filippe de Figueiredo; Cousas Camoneanas (manuscriptos do dr. João Teixeira Soares de Souza); Um par de luvas (conto), por J. Augusto Vieira; Bibliographia: La confession posthume, de Paul Marguerite, por F. Sá Chaves.

Dramas Modernos, por Emilio Richebourg, traducção de Cunha e Sá; David Corazzi, editor, Lisboa. Volume VI e ultimo. Um bello volume, illustrado como os anteriores,e um bello romance cheio de situações dramaticas, que prendem a attenção do leitor, segredo este dos grandes romances.

O Instituto, *revista scientifica e litteraria*, volume XXXIV, Dezembro de 1886, segunda serie, n.º 6, Coimbra. O summario d'este n.º, é: Faculdade de direito, projecto de reforma apresentado ao conselho da mesma faculdade pela commissão nomeada em 17 de junho de 1886; O christianismo, por Joaquim Maria Rodrigues de Brito; Mais um reptil para a fauna espetologica de Portugal, por L. V.; Contributiones ad floram mycologicam Lusitanicam, pelo dr. Georg Winter; Sobre a natureza das cousas (poesia), por A. de M. Falcão; A Sé velha de Coimbra, por A. M. Seabra d'Albuquerque; Epistolographia, por A. A.; Junto á campa de Antonio de Pina Callado, por Trindade Coelho.

O homem que ri, por Victor Hugo, traducção de Maximiano de Lemos Junior; Lemos & C.ª, editores, Porto. Está concluido o segundo e ultimo volume d'esta magnifica obra de Victor Hugo, editada com todo o esmero pelos sr. Lemos & C.ª do Porto. Com a distribuição do ultimo fasciculo foi distribuido tambem um prospecto para a nova obra que a mesma empreza vae publicar, e que é a *Historia de Inglaterra* por Guizot, edição illustrada com as mesmas gravuras da edição franceza.

Revista Intellectual Contemporanea, publicação quinzenal adstricta ao jornal *O Interesse Publico*; n.os 11 e 12, correspondentes a Agosto de 1886 e agora publicados. Esta revista é collaborada por escriptores distinctos, e os seus artigos são de grande interesse, tanto litterario como scientifico.

Typ. Elzeviriana — R. do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.